



Protagonistas de séries 'Normal People', 'Euphoria', 'I May Destroy You', 'O Gambito da Rainha' e 'Fleabag', todas aclamadas nos últimos anos. Ilustração: Jairo Matos

Heroínas do desprezo

De 'Fleabag' a 'Normal People', protagonistas de séries e livros se odeiam mais do que nunca, revelando que Emma Bovary e Anna Karenina têm competição à altura nas telas

Carolina Moraes
SÃO PAULO Pode parecer um delírio, ou ao menos uma insensatez, se envolver amorosamente com um padre, passar um ano desacordada à base de remédios prescritos por uma psicóloga de conduta duvidosa ou manter um namoro de facilidade com um cara que só maltrata você. Uma nova geração de protagonistas que aparecem nas telas e em romances nos últimos cinco anos, no entanto, vivem trajetórias em que essas situações são centrais — e em que o autodesprego é frequente.

A lista de séries e livros no panteão pop anual marcados por essas anti-heroínas é extensa e leva também nomes de produções que são das mais aclamadas de nosso tempo. Enquanto em 'Fleabag' e em 'Meu Ano de Descanso e Relaxamento', as personagens adentram um humor autodepreciativo ou não têm lá muito motivo para seguir num trajeto que não seja o da autodestruição, as estrelas de 'Euphoria' e de 'O Gambito da Rainha' boicotam suas vidas, cada uma à sua maneira, a partir da dependência de drogas, álcool e remédios.

Ja em 'I May Destroy You', Arabella convive com o trauma de um estupro num drama bem distante do humor da também britânica 'Fleabag', e Marianne passa a juventude atravessada pela relação conturbada com a família em 'Normal People'. A escritora Lucinda Rosenfeld defende, numa coluna no New York Times, que o ódio à própria vida é tão intenso nessas personagens de romances como o de Sally Rooney e de Ottessa Mooshagh, que Anna Karenina e Emma Bovary ganharam fortes competidoras. Ela também sustenta que,

enquanto as criações de Flaubert e Tolstói parecem prisioneiras numa sociedade patriarcal, está muito menos claro o porquê desse descontentamento com o corpo e a vida numa geração com mais liberdade social e sexual. Mas será que é só a autodestruição que marca essa leva recente de personagens? Não é o que pensa a psiquiatra e escritora Natalia Tumerman sobre a patricinha que dorme durante um ano para superar a sua depressão. "Ela aparentemente é alguém que se destrói, que quer dormir e não tem plano al-

A NOVA GERAÇÃO
'Meu Ano de Descanso e Relaxamento'
Patricinha passa um ano dormindo sob efeito de medicamentos
'Normal People'
Livro e série mostram romance de Marianne e Connell, que quer manter a relação em segredo
'Fleabag'
Com humor, protagonista dona de um pequeno café vive uma relação conturbada com um padre

gum, nenhuma profundidade", afirma Tumerman. "Mas se a gente olha com mais atenção, essa mulher bonita, com tudo, que tem uma vida em que não falta nada, tem uma questão do nosso tempo que é a falta de falta. A sensação de que não falta nada é, em si, uma falta." A psiquiatra vê na trajetória dessa orfã de pais ricos uma série de paradoxos e uma discussão profunda sobre a aparência. Ela se destrói com remédios, tipos como alça que são, na verdade, para o cuidado. Depois da série de pílulas para evitar qualquer sentimento, de irritação a solidão, ela também vê filmes para tentar sentir tristeza. Sobre essa nova onda de heroínas autodestrutivas, a professora de cinema na Fundação Armando Álvares Penteado, a Faap, Luciana Rodrigues relembra um dado básico — não existe personagem equilibrada na dramaturgia. O que essas personagens podem trazer para as telas, na verdade, é uma tridimensionalidade e uma reivindicação de se fazer o que bem entender com as dores existenciais, sejam elas decorrentes de traumas ou de futilidades, algo que já aparece nos anti-heróis masculinos. "O que estamos vendo, é que todo grupo minorizado é visto como representação desse grupo. Só o homem branco e cisgênero é a representação dele próprio e não tem competição."

Clarice Greco, doutora em comunicação pela Universidade de São Paulo, atribui essa explosão de protagonistas ao próprio crescimento da produção de seriados na TV. No final do último século, ela avalia que as mulheres aparecem com mais frequência em comédias familiares, ainda sem muita profundidade. É nos anos 2000 que surgem obras com protagonistas mais complexas, como 'Gilmore Girls' e 'Sex and the City'. Essa virada para uma carga mais forte psicológica, segundo a pesquisadora, acontece só no fim da última década — e pode estar relacionada à força que a discussão sobre saúde mental ganhou.

No panteão que a romancista americana Lucinda Rosenfeld faz dos romances contemporâneos com Anna Karenina e Emma Bovary não aparecem duas diferenças. A primeira é que, no século 21, ninguém morre no final, pelo menos não até agora. A segunda são os próprios estímulos para criar esses romances. "Quando Tolstói começou a escrever, sua ideia era escrever um romance sobre a traição e sobre como a traição destrói a família. Para ele, foi importante escrever um romance familiar", afirma Elena Vássina, especialista em literatura russa e professora da USP. Há, no entanto, um aspecto ressaltado pela pesquisadora que aproxima todas essas personagens. Ela vê nesse processo autodestrutivo de Anna Karenina uma pulsão intensa de vida. "Ela mostra, para nós, como a vida é multifacetada", diz Vássina. É essa ambivalência que Natalia Tumerman enxerga em 'Fleabag', por exemplo — dados autobiográficos, assim como na história de Phoebe Waller Bridge, estão num recente livro da psiquiatra, "Copo Virado", em que a protagonista sofre com ghosting. "É quase como se fosse a junção da pulsão de vida e de morte. E um descompasso entre o desejo e o possível". Luciana Rodrigues lembra que 'I May Destroy You' também tem traços da biografia de sua roteirista, Michaela Coel. "Em maior ou menor grau, todo autor fala de si. A forma que uma mulher vê e difere de um homem. A forma que uma mulher negra vê e diferente de uma branca, ou de uma mulher trans", ela diz. "Quanto mais visões de mundo se tem, maior a riqueza de personagens e maior vai ser a representação que se gera."



Clarice Greco, doutora em comunicação pela Universidade de São Paulo, atribui essa explosão de protagonistas ao próprio crescimento da produção de seriados na TV.

No final do último século, ela avalia que as mulheres aparecem com mais frequência em comédias familiares, ainda sem muita profundidade. É nos anos 2000 que surgem obras com protagonistas mais complexas, como “Gilmore Girls” e “Sex and the City”.

Essa virada para uma carga mais forte psicológica, segundo a pesquisadora, acontece só no fim da última década —e pode estar relacionada à força que a discussão sobre saúde mental ganhou.